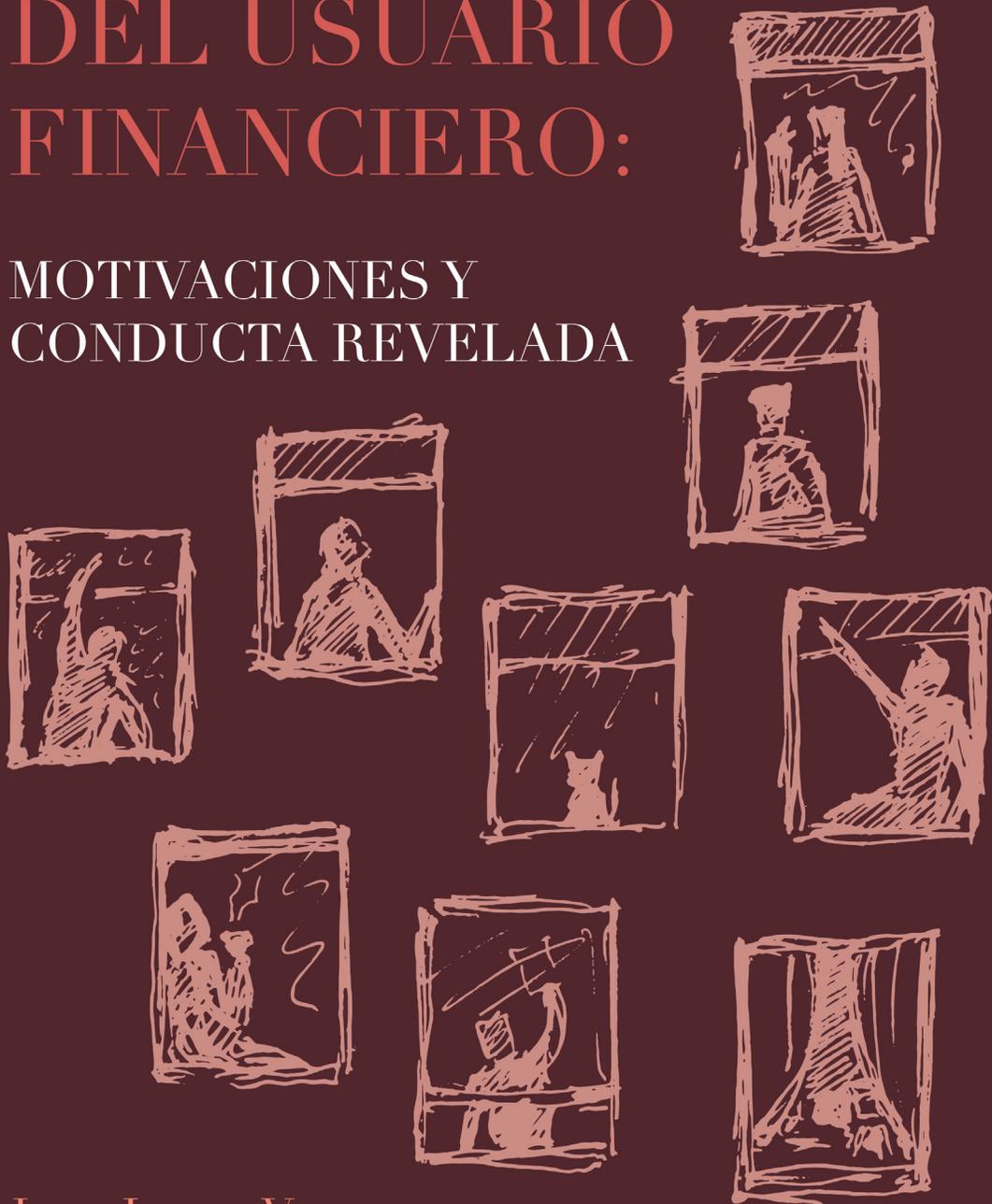


CARACTERIZACIÓN DEL USUARIO FINANCIERO:

MOTIVACIONES Y CONDUCTA REVELADA

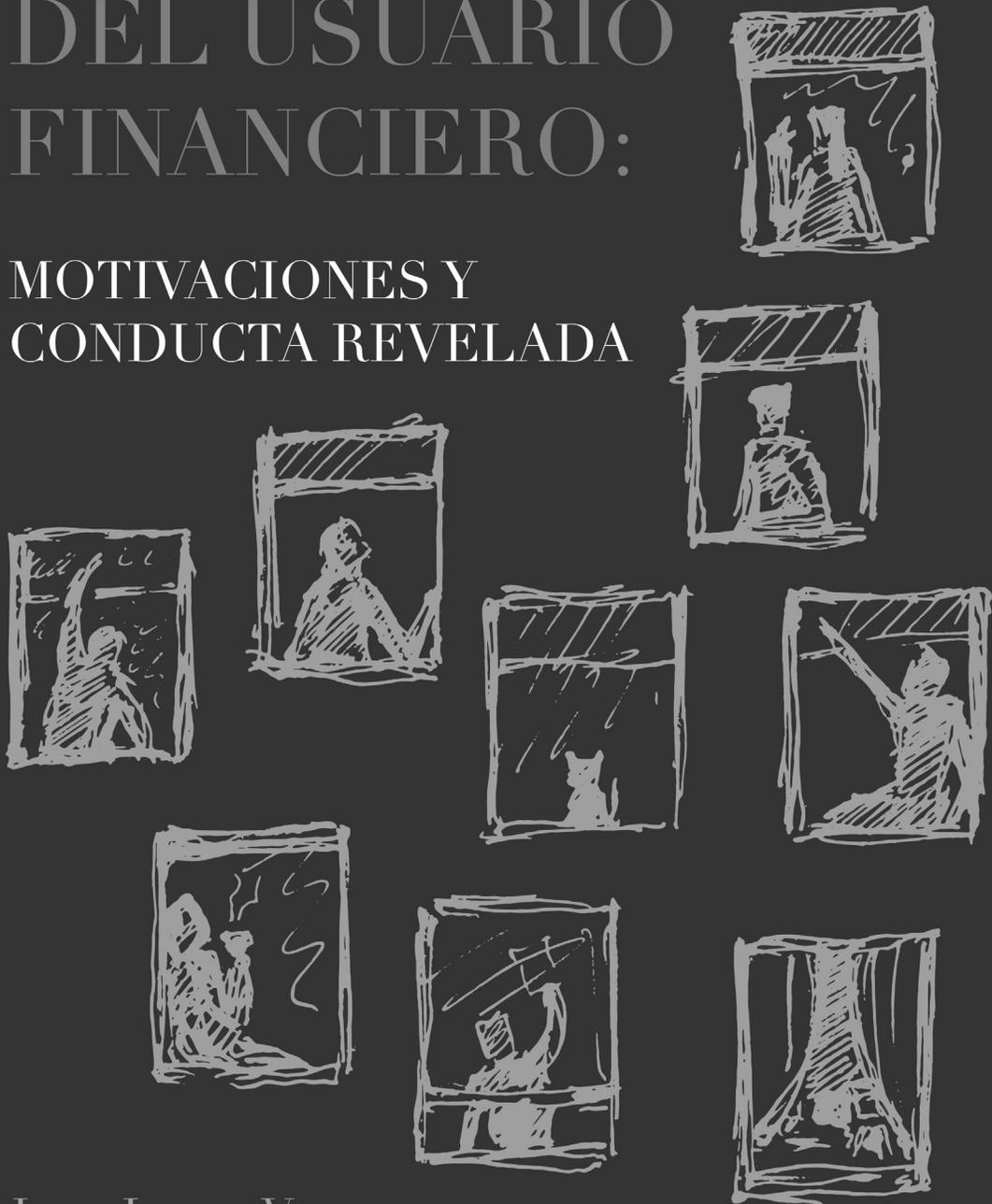


Juan Lopez Vera
(organizador)

 EDITORA
ARTEMIS
2025

CARACTERIZACIÓN DEL USUARIO FINANCIERO:

MOTIVACIONES Y CONDUCTA REVELADA



Juan Lopez Vera
(organizador)

 EDITORA
ARTEMIS
2025



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Me. Juan Gabriel López-Vera
Imagem da Capa	groprop/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.^ª Dr.^ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª M^ªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.^ª Dr.^ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.^ª Dr.^ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.^ª Dr.^ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L864c Caracterización del Usuario Financiero [livro eletrônico] :
Motivaciones y Conducta Revelada / Organizador Juan
Gabriel López Vera. – Curitiba, PR: Artemis, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-57-4

DOI 10.37572/EdArt_160725574

1. Microfinanças. 2. Crescimento econômico. 3. Inclusão
financeira. I. López Vera, Juan Gabriel.

CDD 336.76

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



INTRODUCCIÓN

Este libro se desarrolló dentro del proyecto de investigación “Microfinanzas y Crecimiento Económico en la Provincia de El Oro: Un análisis desde la visión del sector de las Cooperativas de Ahorro y Crédito del segmento 1 y 2” y del proyecto de vinculación “Economía Familiar: El reto de la asignación eficiente de recursos”; ambos adscritos a la carrera de Economía de la Universidad Metropolitana del Ecuador (UMET), sede Machala.

¿Por qué escribir un libro sobre motivaciones y conducta revelada para caracterizar la conducta de usuarios del sistema financiero?. Pues bien, el enfoque tradicional de la economía supone un comportamiento racionalizador que actúa en todo momento frente a las disyuntivas que se enfrenta el ser humano, nada más alejado de la realidad. Las corrientes actuales que profundizan el campo de la elección en la economía, utilizando bases psicológicas, muestran que el ser humano es más racionalizador que racionalista; lo que implica que para cada acción hay una justificación (o una excusa, depende de cómo se la formule) antes que un proceso de discriminación consciente entre todas las fuentes de información que deben llevar a la acción. Esa conducta racionalizadora es mucho más fuerte en entornos donde la precariedad laboral, la informalidad, la exclusión y la reexclusión del sistema financiero imponen mayor presión sobre la capacidad de generación de recursos para el sostenimiento de los hogares. Junto a ello también coexisten estrategias de conducta que provienen de heurísticas, sesgos y comportamientos de rebaño, que llevan a un mal uso de productos financieros; con las correspondientes cargas emocionales y económicas que se derivan del uso, elusión o resignificación de los instrumentos financieros. De ahí la importancia de desarrollar una obra de este tipo, la cual procedo a presentar a continuación en cuanto a contenidos y aprendizajes que debería dejar para el lector.

El primer capítulo realiza una revisión de literatura sobre los determinantes del uso de servicios financieros, abordando desde perspectivas clásicas hasta enfoques contemporáneos que incorporan variables culturales, sociales y de género. El lector encuentra aquí una síntesis crítica de estudios que explican por qué ciertas poblaciones permanecen al margen del sistema formal o lo utilizan de formas fragmentadas. Uno de los principales aprendizajes es la necesidad de abandonar enfoques unidimensionales que asumen racionalidad plena, dando paso a marcos que reconozcan la diversidad de trayectorias y lógicas de uso financiero. Este capítulo también revela la importancia de factores no económicos – como la confianza, la experiencia previa o las redes sociales – como condicionantes claves del comportamiento financiero.

El segundo capítulo propone una aproximación metodológica mixta para caracterizar a los usuarios financieros, integrando análisis cuantitativos y cualitativos. Se fundamenta en técnicas de minería de datos aplicadas a encuestas, así como entrevistas semiestructuradas que recogen la voz de los propios usuarios. El principal aporte de este capítulo es mostrar cómo una estrategia metodológica robusta permite capturar matices que las estadísticas agregadas suelen ocultar. Además, se destaca el valor de la codificación inductiva de testimonios como herramienta para detectar patrones emergentes de motivación, desconfianza o resignificación de productos financieros. Este capítulo demuestra que la investigación en economía puede enriquecerse al incorporar marcos interpretativos propios de las ciencias sociales.

El capítulo tres presenta una caracterización sociodemográfica y económica de los usuarios financieros en una localidad específica. A través del análisis estadístico de encuestas aplicadas, se identifican perfiles diferenciados según edad, género, ingreso y ocupación, estableciendo correlaciones entre estas variables y el uso de productos financieros. Los hallazgos permiten identificar segmentos vulnerables –como mujeres jefas de hogar o trabajadores informales– que muestran patrones de uso financiero más limitados o de mayor exposición al sobreendeudamiento. Este capítulo resalta la importancia de contextualizar el análisis financiero, evitando generalizaciones que invisibilicen desigualdades estructurales.

En el cuarto capítulo se examina la conducta revelada de los usuarios mediante análisis de patrones de uso financiero concretos: ahorro, endeudamiento, uso de tarjetas, transferencias, entre otros. Este enfoque permite comparar la conducta declarada con la efectivamente observada, revelando incongruencias significativas que ponen en entredicho la validez de ciertos discursos institucionales sobre educación financiera. Uno de los aportes centrales es la evidencia de prácticas de “adaptación creativa”, donde los usuarios reinterpretan el uso de productos formales según sus propios objetivos y restricciones. Este capítulo refuerza la tesis de que el comportamiento financiero es situacional y responde a una racionalidad contextual, no necesariamente alineada con los supuestos normativos del sistema.

El capítulo cinco se adentra en las motivaciones que subyacen a las decisiones financieras, indagando en narrativas personales sobre ahorro, crédito y riesgo. A través del análisis cualitativo de entrevistas, se identifican motivaciones como la búsqueda de estabilidad, el temor al fracaso, el deseo de proteger a la familia o la presión social. Estas motivaciones no siempre se traducen en acciones consistentes con los modelos tradicionales de comportamiento racional. El aprendizaje clave aquí es que la inclusión

financiera no puede limitarse a garantizar acceso, sino que debe considerar los imaginarios, miedos y aspiraciones de los usuarios. Este capítulo enriquece la visión del usuario como sujeto activo, complejo y en permanente negociación con su entorno económico.

En el sexto capítulo se realiza una tipología de usuarios financieros a partir del cruce entre datos sociodemográficos, conducta revelada y motivaciones. Esta segmentación permite identificar perfiles como el usuario resiliente, el usuario desconfiado, el usuario aspiracional o el usuario instrumental. Cada perfil responde a trayectorias de vida, experiencias con el sistema y estrategias adaptativas distintas. Este ejercicio resulta útil no solo para la investigación, sino también para el diseño de políticas públicas y productos financieros más sensibles a las necesidades reales. El capítulo demuestra que la segmentación desde la lógica del marketing es insuficiente, y que es necesario incorporar criterios conductuales y contextuales para una caracterización más precisa y significativa.

El capítulo final articula los hallazgos de los capítulos previos y propone lineamientos para políticas públicas orientadas a la inclusión financiera con enfoque territorial y de derechos. Se argumenta que la verdadera inclusión no se logra solo con cobertura, sino con pertinencia, acompañamiento y corresponsabilidad institucional. Entre las recomendaciones destacan el diseño participativo de productos financieros, la educación financiera situada y la regulación de prácticas abusivas. El aprendizaje global del libro es que caracterizar al usuario financiero desde sus motivaciones y su conducta revelada permite repensar las estrategias de inclusión, reconociendo al usuario como actor reflexivo y no como simple receptor de servicios.

Finalmente, no quiero dejar pasar la oportunidad para dejar constancia de agradecimiento a todos los autores de los diferentes capítulos del libro, quienes hoy son estudiantes graduados de la carrera de Economía de la Universidad Metropolitana sede Machala:

- Ec. Gabriela Ruiz-Rivas
- Ec. Cristina Jaramillo-Aguilar
- Ec. Emily Espinoza-Scaldeferri
- Ec. Katia Saldaña-Hurtado
- Ec. Adrián Curillo-Aguilar
- Ec. Jerónimo Lozano-Espinoza
- Ec. Camila Luna-Bustamante
- Ec. Andy Rogel-Gallardo

También para los docentes que participaron como asesores metodológicos y de contenidos para elevar el rigor de los contenidos:

Dra. Odalys Burgo-Bencomo

Mgs. Germán Morán-Molina

Y para los docentes externos que han participado como revisores externos de la obra, cuyas sugerencias valiosas mejoran el resultado de este texto:

Mgs. Glen Robayo Cabrera

Mgs. Geovanna García Roldán

Esperamos disfruten de este producto académico, con afecto

Juan Gabriel López-Vera, Mgs.

Organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

RASGOS FAMILIARES Y BIENESTAR FINANCIERO EN LOS HOGARES DE MACHALA

Juan López-Vera

Gabriela Ruiz-Rivas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255741

CAPÍTULO 2.....32

DINÁMICAS DE LAS REMUNERACIONES, EL AHORRO Y EL CRÉDITO EN EL GASTO DE CONSUMO EN ECUADOR

Cristina Jaramillo Aguilar

Juan López-Vera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255742

CAPÍTULO 3.....76

EVOLUCIÓN DEL USO DE LAS TARJETAS DE CRÉDITO EN LA ECONOMÍA DEL HOGAR

Emily Espinoza-Scaldeferri

Juan López-Vera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255743

CAPÍTULO 4.....107

CARACTERIZACIÓN DE LA CULTURA DE PLANIFICACIÓN FINANCIERA EN UNA COMUNIDAD RURAL DE LA PROVINCIA DE EL ORO

Katia Saldaña-Hurtado

Odalys Burgo-Bencomo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255744

CAPÍTULO 5..... 140

PROCRASTINACIÓN Y ECONOMÍA DEL HOGAR EN UNA PARROQUIA RURAL DE LA PROVINCIA DE EL ORO

Germán Morán-Molina

Adrián Curillo-Aguilar

Jerónimo Lozano-Espinoza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255745

CAPÍTULO 6..... 169

SATISFACCIÓN CON LA VIDA MEDIANTE EL BIENESTAR FINANCIERO SUBJETIVO, IDENTIDAD FINANCIERA Y VARIABLES DEMOGRÁFICAS EN LA CIUDAD DE MACHALA

Germán Morán-Molina

Juan López-Vera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255746

CAPÍTULO 7.....195

EXPERIENCIAS DE EDUCACIÓN FINANCIERA EN EL PROYECTO DE VINCULACIÓN DE LA CARRERA DE ECONOMÍA UMET: CASO DE ESTUDIO

Camila Luna-Bustamante

Andy Rogel-Gallardo

Odalys Burgo-Bencomo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1607255747

SOBRE OS AUTORES 211

ÍNDICE REMISSIVO215

CAPÍTULO 6

SATISFACCIÓN CON LA VIDA MEDIANTE EL BIENESTAR FINANCIERO SUBJETIVO, IDENTIDAD FINANCIERA Y VARIABLES DEMOGRÁFICAS EN LA CIUDAD DE MACHALA

Data de submissão: 16/06/2025

Data de aceite: 04/07/2025

Germán Morán-Molina

Universidad Metropolitana del Ecuador
<https://orcid.org/0000-0002-2101-6752>

Juan López-Vera

Universidad Metropolitana del Ecuador
<https://orcid.org/0000-0002-8720-0499>

RESUMEN: Este capítulo examina la relación entre satisfacción con la vida, bienestar financiero subjetivo e identidad financiera en hogares urbanos de Machala, Ecuador, una ciudad caracterizada por altos niveles de informalidad laboral y restricciones en el acceso a servicios financieros. A partir de una revisión de literatura que articula perspectivas de la economía conductual, la psicología económica y la socialización financiera, se destacan factores como la percepción emocional del bienestar, la construcción de identidad financiera autónoma y el papel de las relaciones familiares en el comportamiento financiero. Metodológicamente, se aplicó un modelo logit binario sobre una muestra representativa, considerando como variable dependiente la satisfacción con la vida y

como predictores el bienestar financiero subjetivo, la identidad financiera, la edad y el estado civil. Los resultados muestran que tanto el bienestar financiero como la identidad financiera tienen una influencia positiva y significativa sobre la satisfacción vital, siendo el primero el factor más determinante. La discusión confirma la coherencia teórica de estos hallazgos, subraya el valor predictivo del modelo propuesto y destaca la necesidad de programas de educación financiera con enfoque contextual, emocional e identitario. Finalmente, se proponen nuevas líneas de investigación orientadas a explorar estos vínculos en otros territorios y bajo enfoques metodológicos mixtos.

PALABRAS CLAVE: bienestar financiero; identidad financiera; satisfacción con la vida.

LIFE SATISFACTION THROUGH SUBJECTIVE FINANCIAL WELL-BEING, FINANCIAL IDENTITY, AND DEMOGRAPHIC VARIABLES IN THE CITY OF MACHALA

ABSTRACT: This chapter examines the relationship between life satisfaction, subjective financial well-being, and financial identity among urban households in Machala, Ecuador – a city marked by high levels of labor informality and limited access to financial services. Drawing on a literature review that integrates perspectives from behavioral economics, economic psychology, and financial socialization, the chapter highlights

the role of emotional perceptions of well-being, the development of autonomous financial identity, and family relationships in shaping financial behavior. Methodologically, a binary logit model was applied to a representative sample, with life satisfaction as the dependent variable and subjective financial well-being, financial identity, age, and marital status as predictors. The results show that both financial well-being and financial identity have a positive and significant influence on life satisfaction, with the former being the most decisive factor. The discussion confirms the theoretical coherence of these findings, underscores the predictive value of the proposed model, and calls for financial education programs with a contextual, emotional, and identity-based approach. Finally, new lines of research are proposed to explore these relationships in other territories using mixed methodological frameworks.

KEYWORDS: financial well-being; financial identity; life satisfaction.

SATISFAÇÃO COM A VIDA POR MEIO DO BEM-ESTAR FINANCEIRO SUBJETIVO, IDENTIDADE FINANCEIRA E VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS NA CIDADE DE MACHALA

RESUMO: Este capítulo analisa a relação entre satisfação com a vida, bem-estar financeiro subjetivo e identidade financeira em domicílios urbanos de Machala, Equador – uma cidade marcada por altos níveis de informalidade no trabalho e acesso limitado a serviços financeiros. Com base em uma revisão de literatura que articula perspectivas da economia comportamental, psicologia econômica e socialização financeira, o texto destaca o papel das percepções emocionais sobre o bem-estar, a construção de uma identidade financeira autônoma e as relações familiares na formação do comportamento financeiro. Metodologicamente, aplicou-se um modelo logit binário sobre uma amostra representativa, considerando como variável dependente a satisfação com a vida, e como predictoras o bem-estar financeiro subjetivo, a identidade financeira, a idade e o estado civil. Os resultados demonstram que tanto o bem-estar financeiro quanto a identidade financeira exercem influência positiva e significativa sobre a satisfação com a vida, sendo o primeiro o fator mais determinante. A discussão confirma a coerência teórica dos achados, destaca o valor preditivo do modelo proposto e defende programas de educação financeira com enfoque contextual, emocional e identitário. Por fim, propõem-se novas linhas de pesquisa que explorem essas relações em outros territórios, com abordagens metodológicas mistas.

PALAVRAS-CHAVE: bem-estar financeiro; identidade financeira; satisfação com a vida.

1. CONTEXTUALIZACIÓN DEL TEMA

De acuerdo con la Agenda Zonal de la Zona 7 (SENPLADES, 2023), donde se contextualiza al cantón Machala de acuerdo con las zonas de planificación nacional, existen problemas latentes para mejorar la calidad de vida de la población; particularmente la existencia de población en situación de pobreza y extrema pobreza por ingresos y NBI. Una forma de estudiar estas temáticas es a partir de la comparación entre las canastas de consumo versus los ingresos y la revisión de la composición del mercado laboral. A nivel estadístico el Instituto Nacional de Estadísticas y Censos (INEC) dispone de dos

tipos de canastas para evaluar el consumo a nivel nacional, regional y local: Canasta Básica Familiar (CBF) y Canasta Familiar Vital (CFV).

La CBF mide 359 artículos que se consideran necesarios para satisfacer las necesidades de un hogar; la CFV, en cambio, mide 75 artículos que se considera un conjunto de productos imprescindibles para satisfacer las necesidades básicas de un hogar. A su vez, un hogar se considera a un grupo de 4 miembros donde hay 1.6 perceptores de ingresos que ganan la remuneración básica unificada. En las tablas 56 y 57 se muestra un comparativo de la CBF y la CFV de la ciudad de Machala con respecto al indicador nacional y regional, y desglosado por las categorías de bienes que compone cada caso.

Tabla 56. Comparativo CBF Machala versus Región Costa y Nacional.

No. Orden	Grupos y Subgrupos de Consumo	Costo CBF Machala	Costo CBF Región Costa	Costo CBF Nacional
1	TOTAL	751,82	771,25	784,65
2	ALIMENTO Y BEBIDAS	248,14	252,61	260,55
3	Cereales y derivados	51,47	50,43	55,85
4	Carne y preparaciones	42,14	41,90	41,23
5	Pescados y mariscos	10,06	10,89	12,11
6	Grasas y aceites comestibles	13,39	12,92	13,11
7	Leche, productos lácteos y huevos	40,79	41,58	40,67
8	Verduras frescas	13,26	14,40	14,28
9	Tubérculos y derivados	20,26	18,48	19,60
10	Leguminosas y derivados	6,21	6,09	6,21
11	Frutas frescas	9,89	12,02	13,79
12	Azúcar, sal y condimentos	11,40	12,43	13,15
13	Café, té y bebidas gaseosas	7,94	8,08	8,04
14	Otros productos alimenticios	1,18	1,31	1,32
15	Alim. y beb. consumidas fuera del hogar	20,13	22,07	21,21
16	VIVIENDA	183,59	191,21	197,74
17	ALQUILER	143,24	153,89	161,58
18	Alumbrado y combustible	17,30	15,88	15,81
19	Lavado y mantenimiento	21,37	19,83	18,82
20	Otros artefactos del hogar	1,69	1,60	1,53
21	INDUMENTARIA	51,28	47,81	51,70
22	Telas, hechas y accesorios	4,97	5,08	5,52
23	Ropa confeccionada hombre	24,73	23,18	24,73
24	Ropa confeccionada mujer	18,13	16,89	18,61
25	Servicio de limpieza	3,44	2,66	2,84
26	MISCELÁNEOS	268,81	279,63	274,66
27	Cuidado de la salud	118,29	122,18	124,31
28	Cuidado y artículos personales	17,85	18,16	18,05
29	Recreo, material de lectura	30,52	30,38	31,96
30	Tábaco	37,30	36,59	36,05
31	Educación	24,16	31,86	25,89
32	Transporte	40,69	40,46	38,39

Fuente: INEC (2023). En el grupo alimentos y bebidas, vivienda y misceláneos el costo de la CBF es menor al de la región costa y a nivel nacional. Sólo en el grupo indumentaria el costo de la CBF en Machala es mayor al regional y ligeramente inferior al nacional. A nivel total, el costo de la CBF de Machala es menor al regional y al nacional.

Tabla 57. Comparativo CBF Machala versus Región Costa y Nacional.

No. Orden	Grupos y Subgrupos de Consumo	Costo CVF Machala	Costo CVF Región Costa	Costo CVF Nacional
1	TOTAL	549,24	556,00	552,02
2	ALIMENTOS Y BEBIDAS	226,56	232,25	237,84
3	Cereales y derivados	40,37	39,69	44,05
4	Carne y preparaciones	39,15	38,94	38,32
5	Pescados y mariscos	7,89	8,42	9,23
6	Grasas y aceites comestibles	12,44	12,00	12,19
7	Leche, productos lácteos y huevos	32,50	33,82	33,00
8	Verduras frescas	13,99	14,86	14,55
9	Tubérculos y derivados	17,08	15,60	16,59
10	Leguminosas y derivados	6,10	6,00	6,13
11	Frutas frescas	11,22	13,17	14,89
12	Azúcar, sal y condimentos	7,63	8,30	8,77
13	Café, té y bebidas gaseosas	7,23	7,42	7,37
14	Otros productos alimenticios	1,63	1,81	1,81
15	Alim. y beb. consumidas fuera del hogar	29,33	32,22	30,93
16	VIVIENDA	126,95	127,91	118,19
17	ALQUILER	82,66	86,75	78,17
18	Alumbrado y combustible	21,78	20,02	19,93
19	Lavado y mantenimiento	20,53	19,26	18,30
20	Otros artefactos del hogar	1,97	1,87	1,79
21	INDUMENTARIA	46,57	42,85	46,41
22	Telas, hechuras y accesorios	3,37	3,39	3,42
23	Ropa confeccionada hombre	21,58	20,09	21,67
24	Ropa confeccionada mujer	18,39	16,87	18,65
25	Servicio de limpieza	3,23	2,49	2,66
26	MISCELANEO	149,16	153,00	149,59
27	Cuidado de la salud	31,73	29,26	28,92
28	Cuidado y artículos personales	17,14	17,29	17,14
29	Recreo, material de lectura	17,73	18,37	21,68
30	Tabaco	14,50	14,23	14,02
31	Educación	25,24	31,26	27,43
32	Transporte	42,83	42,58	40,41

Fuente: INEC (2023). En el grupo alimentos y bebidas el costo de la CVF es menor al de la región costa y a nivel nacional. En vivienda el gasto es mayor al indicador nacional y menor al regional. En indumentaria el gasto es mayor al regional y ligeramente superior al nacional. Los gastos misceláneos en cambio son casi similares a los nacionales y menores con respecto al nivel regional. Con respecto al gasto total, el costo de la CVF es menor a la canasta nacional y regional.

Como se puede apreciar en ambas tablas, el comportamiento del costo de las canastas analíticas en términos agregados es menores al gasto que se hace a nivel de la región costa y a nivel nacional. Salvo ciertos productos como el transporte, los combustibles y los tubérculos y derivados (en caso de la CBF); y, el alquiler, cuidados de salud y transporte (en caso de la CVF), tienen un costo mayor en la ciudad de Machala. Sin embargo, no se puede dejar de lado que esos ítems corresponden a componentes fundamentales para la alimentación, el bienestar individual y la movilización; de ahí que llevan una parte importante dentro del presupuesto familiar.

A continuación, se procede a analizar la relación entre el nivel de ingresos de un hogar perceptor y las canastas analíticas (CBF y CVF), esto permite a su vez determinar el nivel de ahorro o déficit -dependiendo del caso- con respecto al consumo. En la tabla 58 se muestran los componentes de determinación del ingreso familiar y la situación presupuestaria a partir de la CBF y CVF.

Tabla 58. Brecha salarial versus canastas analíticas.

Mediana de ingresos	446.20
(+) Décimo Tercer Sueldo mensualizado	37.18
(+) Décimo Cuarto Sueldo mensualizado	37.50
(=) Ingresos de un perceptor	520.88
(x) Perceptores	1.6
(=) Ingreso del hogar	833.41
Ingreso del hogar – CBF	81.59
Ingreso del Hogar - CVF	284.17

Fuente. INEC (2023).

No obstante, si se revisan las estadísticas laborales de la ciudad de Machala que se presentan en la tabla 59, se puede advertir que el empleo adecuado se encuentra por debajo del nivel previo a la pandemia y el subempleo casi se ha duplicado con respecto a las cifras de septiembre de 2019.

Tabla 59. Evolución mercado laboral de Machala.

Indicadores de Mercado Laboral	Septiembre 2023	Septiembre 2022	Septiembre 2021	Septiembre 2019
Empleo adecuado	46.60	44.27	43.53	55.52
Subempleo	21.43	23.90	22.55	11.91
Otro empleo no pleno	21.59	19.61	20.32	21.31
Desempleo	6.12	7.76	8.12	6.36

Fuente. Banco Central del Ecuador (2023).

De manera que esto sugiere que hay mayor prevalencia de un saldo de ahorro relacionado con el CBF, el cual es de \$ 81.59 mensuales y representa una participación del 9.7% de ahorros. Ahora bien, esta suposición es razonable partiendo de la autoobservación efectuada por los estudiantes de la asignatura prácticas preprofesionales 4 y 5, con respecto al flujo de gastos fijos y variables durante un período de 21 días; en los períodos académicos 60 y 61, respectivamente. Los resultados se muestran en la tabla 60.

Tabla 60. Gastos fijos y variables en 26 estudiantes durante 21 días.

Tipo de Gasto	Fijo	Variable	Total	Ponderación
Alimentación	488	1128	1616	21%
Vestimenta	183	1047	1230	16%
Diversión	165	1031	1196	15%
Pago T/C	168	641	809	10%
Mercancías para la venta	61	547	608	8%
Viaje		480	480	6%
Compras Supermercado	80	396	476	6%
Salud	2	377	379	5%
Gastos con la tenencia de vehículo		345	345	4%
Transporte	38	266	303	4%
Internet y telefonía	108	8	116	1%
Servicios Básicos	46	62	108	1%
Otros gastos	5	96	101	1%
Total de Gastos	1342	6423	7766	
Gasto per cápita	52	247	299	
Gasto per cápita/semana	17	82	10	

Fuente. Elaborado a partir de las fichas de control.

Para el análisis se ha exceptuado el gasto en pensiones educativas y la compra de activos. Se puede apreciar que el 80% de los gastos involucran las siete primeras líneas (desde alimentación hasta compras supermercado); sin embargo, el 83% de estos pagos corresponden a un componente variable, es decir, valores que surgieron de forma imprevista y que en condiciones normales no deberían tener una representación significativa en el presupuesto personal. Se aprecia que ninguno de los estudiantes señaló tener una asignación de ahorro frecuente, lo cual provee evidencia de que en poblaciones jóvenes no existe mayormente una conciencia de finanzas personales; y que de acuerdo a la teoría de la socialización financiera los miembros más jóvenes de una familia aprenden sobre actitudes, conocimientos y capacidades financieras a partir de lo que transmiten los adultos de forma oral, pero fundamentalmente, a partir de las acciones que perciben los menores, (LeBaron y Kelley, 2020; Lanz et al., 2019; López, 2016).

Finalmente, otro aspecto que debe evaluarse para sustentar la necesidad de proponer un programa de capacitación en educación financiera personal y familiar es el bienestar financiero subjetivo global (GSFW, por sus siglas en inglés), (Lanz et al., 2019) definieron al GSFW como la percepción emocional o cognitiva de los individuos sobre su condición financiera, siendo este una medida complementaria al bienestar financiero objetivo, el cual se mide por las posesiones materiales de los individuos. El GSFW es una medida apropiada para el contexto actual porque: (a) desde la crisis económica global del 2008 hay una fuerte incapacidad de creación de empleos estables, lo cual amenaza las posibilidades de planificación en jóvenes trabajadores que retrasan su entrada al mercado laboral, y en trabajadores más experimentados que demoran más su salida del mercado laboral; y (b) la dificultad laboral de conseguir un nuevo empleo en las generaciones actuales así como la etiqueta de sobre calificación en individuos mayores de 35 años que quedan en paro y no son atractivos para las empresas dada la expectativa salarial que tienen trabajadores con mayor cualificación, según (Lanz et al., 2019) esta situación de inestabilidad laboral es la que termina influyendo en los jóvenes-adultos y adultos para mantener una estabilidad económica y autosuficiencia.

2. REVISIÓN DE LA LITERATURA

De acuerdo con (Rea, Danes, Serido, Borden, & Shim., 2018) en la década de los 70 la edad promedio de independencia de los jóvenes en Estados Unidos era de 21 años para las mujeres y 23 años para los hombres; sin embargo, dado las dificultades del entorno económico y laboral, esta se ha corrido hasta los 27 y 29 años, respectivamente. Este retraso consciente suele darse por la falta de maduración en al menos tres aspectos que definen la dinámica financiera familiar y el comportamiento financiero cuando se es cabeza de hogar: valores, autoeficacia y educación financiera. Esto crea un conjunto de auto creencias financieras que influyen en el reconocimiento de ser capaz de alcanzar la autonomía financiera, reconociéndose estar en posesión de conductas financieras peligrosas que provocan el aplazamiento de la independencia financiera. De ahí que la educación financiera debe incluir a la familia con material de apoyo como talleres para trabajar según la realidad financiera de cada familia, además de aprovechar etapas como el primer empleo o el ingreso a la universidad, para educar sobre cómo gestionar las finanzas con el fin de brindar seguridad y acompañamiento para lograr el bienestar financiero y la autosuficiencia de manera segura de los jóvenes.

En ese sentido, (Lanz, Sorgente, & Danes, 2019) plantearon la socialización financiera desde la perspectiva de la familia como núcleo de la sociedad, partiendo

desde la premisa que los patrones de conducta financiera son heredados de padres a hijos de manera implícita e intencional. Estos autores consideraron que la calidad de comunicación entre padres e hijos favorece la imitación de conductas financieras en los adultos emergentes dando como resultado bienestar financiero; sin embargo, se debe evitar los entramados económicos, ya que estos afectan negativamente ya que impiden que los jóvenes desarrollen su potencial financiero, también se sugiere que en futuras investigaciones se tome en cuenta la relación madre-hijo padre-hijo para realizar una comparativa de la calidad de comunicación en la familia y como esta influye en la conducta financiera. De ahí que la calidad de las relaciones familiares y de los modelos financieros asertivos de los adultos del entorno familiar influyen indirectamente en el bienestar financiero, especialmente en cuando a la comunicación, por el contrario, los enredos financieros familiares interfieren de manera negativa directa en los ingresos personales cuando alcanzan la adultez debido a la falta de modelos a seguir dentro de su círculo cercano.

La identidad financiera es parte del desarrollo de la personalidad y las habilidades únicas de las personas, habitualmente las personas a medida que llegan a la adultez tienden a explorar sus posibilidades hasta aprender a gestionar sus finanzas, este concepto de la identidad financiera se ha explorado desde hace varios años atrás sin embargo la literatura sobre este tema es limitada. (Erentaité, 2019) indicaron que la necesidad del individuo de independizarse de los padres y su apoyo financiero obliga a asumir responsabilidades financieras, esto implica la aplicación de un proceso que involucra factores: la identidad financiera, comportamientos financieros positivos, y niveles de bienestar financiero en la persona camino a la adultez. En general cuando se busca una identidad financiera se deben asumir compromisos, la única barrera en este periodo es la incertidumbre ya que esta crea una tensión financiera que puede extenderse y desmotivar a la persona si se sostiene por demasiado tiempo, creando inseguridad y cuestionamiento de la capacidad para administrarse por sí solos.

La realidad económica y el entorno cultural influyen mucho en esa sensación de inseguridad financiera. (Damian, Subtirica, & M., 2019) hicieron un análisis en Rumania donde los jóvenes en transición a la adultez al llegar a la universidad siguen dependiendo financieramente de sus padres debido a la inestabilidad de su país. Esta dependencia también proviene porque históricamente la población de Rumania tiene una orientación cultural colectivista lo cual refuerza la posición de dependencia de padres a hijos. No obstante, este rasgo cultural se puede emplear para que los padres intenten moldear las actitudes y comportamientos financieros de sus hijos; es así como la socialización

financiera genera una influencia positiva de los padres para promover hábitos conductuales saludables.

(Rai, Dua, & Yadav, 2019) sostuvieron que la educación financiera es un mecanismo para mediar entre el entorno ambiental, los rasgos culturales y la formación de buenos hábitos financieros, entre mejor sea la calidad de la educación menor será el riesgo de malas decisiones y optimizar el dinero. En su trabajo aplicado en India encontraron que las personas con problemas económicos o que carecen de educación financiera tienden a utilizar tarjetas de crédito que tienen intereses más altos. Otro hallazgo es que el analfabetismo financiero es una compleja realidad que esta sesgada por el género ya que las mujeres tienen un mínima o casi nula educación financiera, además que las mujeres jóvenes cuando se casan son dependientes económicamente de sus esposos y si tienen hijos o se divorcian, son abandonadas lo que las vuelve vulnerables a sufrir mayores dificultades financieras respecto al hombre quien además por el simple hecho de ser hombres tienen mejores oportunidades laborales. Entonces, aunque lleguen a tener una formación académica o un salario competente, no llegan a desarrollar la independencia económica; no obstante, en este mismo estudio refleja que la complejidad de recopilar datos reales sobre esta problemática es principalmente que existen lugares de la India donde el analfabetismo es absoluto, por otro lado, se evidenció que las mujeres de clase trabajadora tienen una actitud y comportamiento financieros positivos.

(LeBaron & Kelley, 2020) inicialmente, es decir en generaciones pasadas el adulto emergente era aquel que se ubicaba en una etapa de la vida donde aceptaba responsabilidades de sí mismo, tomaba decisiones y alcanzaba la independencia económica, no obstante, en la actualidad esto ya no es así, cada vez un número mayor de jóvenes permanece en casa siendo mantenidos por sus padres, además que desconocen el significado de conceptos como inflación, diversificación de riesgos, entre otros, creando un estado de alto estrés para muchos de estos adultos lo que puede deteriorar la salud mental y física, existen circunstancias que han favorecido esta problemática como es el caso de la pandemia por COVID- 19. Retomando la socialización familiar antes mencionada por otros autores, se muestra como en la vida cotidiana estos microsistemas empíricos financieros pasan de padres a hijos y es asimilado mediante la imitación, esto no es necesariamente algo asociado a conceptos difíciles sino a actividades que realizan los padres cada día como el pago de sus facturas, comprar cosas en el supermercado. Este comportamiento también esta reforzado por un sistema de motivación interna, que otros modelos no poseen, las relaciones familiares generan en el adulto emergente mayores índices de satisfacción y seguridad, por lo tanto, alcanzan

la satisfacción y comportamientos financieros saludable con facilidad, así como mejores aptitudes hacia las entidades financieras como los bancos, en conclusión es vital que los padres o cuidadores estén involucrados en la educación financiera en conjunto con los planificadores, educadores, terapeutas y profesionales capacitados en la socialización financiera para lograr mejores resultados y alcanzar el tan ansiado bienestar financiero en los adultos emergentes.

(Mahendru, Sharma, & Hawkins., 2020) señalaron que el bienestar financiero es indicador de la buena gestión interna de un país, por esto los gobiernos en los últimos años se han enfocado en reformular las políticas financieras y económicas, asimismo las grandes empresas se han enfocado en mejorar la experiencia del consumidor ya que en las últimas décadas el interés por el conocimiento personal en finanzas se ha incrementado obligando a reformular políticas, a las corporaciones y consumidores. Está demostrado que, en países desarrollados, la población ha alcanzado el bienestar financiero ya que hay mayor homogeneidad del desarrollo económico; no obstante, esto no puede ser replicado a los países subdesarrollados donde las diferencias de ingresos y la pobreza influye en la disparidad de oportunidades. Haciendo imposible que el bienestar financiero sea una realidad palpable en la mayor parte de la población ya que la desigualdad económica está directamente relacionada con la capacidad financiera, aunque los habitantes de países en vía de desarrollo tienen consciencia de sus necesidades futuras se enfocan en cubrir sus gastos en cuanto a necesidades inmediatas, teniendo siempre como meta cumplir con sus compromisos, algo que resulta interesante es que asocian el bienestar financiero al lujo y a tener las posibilidades para contribuir financieramente a la comunidad como indicador de una mayor calidad de vida.

El concepto de calidad de vida se ha asociado históricamente con la satisfacción con la vida teniendo como referencia que el dinero y la felicidad son proporcionales uno de otro (Masuda & Tallis, 2020) existen factores no monetarios personales que son necesarios para cada individuo para alcanzar el bienestar, como los hijos, la salud, entre otras, ya que si bien los ingresos económicos son importantes cuando se alcanza el nivel necesario para cubrir las necesidades básicas este pasa a segundo plano. Dentro de este estudio se evidenció que la relación entre falta de tiempo y dinero no solo afecta la calidad de vida, sino que también la salud cognitiva, lo cual se traduce en menos tiempo para realizar actividades de descanso, ocio, actividad física necesarios para mantenerse saludables. La falta de acceso a servicios o por el contrario la necesidad de recurrir a asociaciones o programas de ayuda contra la pobreza requiere de tiempo para los papeleos que acorta su tiempo discrecional, así mismo las personas en condiciones de

pobreza pasan más tiempo intentando conseguir ingresos para cubrir sus necesidades lo que les quita tiempo para estudiar o tener un emprendimiento propio perpetuando el ciclo de pobreza.

(Ngamaba, Armitage, Panagioti, & Hodkinson., 2020) señalaron que la satisfacción financiera y el bienestar subjetivo durante el paso del tiempo han tenido diferentes definiciones. Sin embargo, se ha tomado más en consideración la parte psicológica por encima de la parte económica objetiva, en la búsqueda sistemática que efectuaron entre trabajos publicados desde 1980 hasta 2019 encontraron que las personas casadas tienen mayores niveles de satisfacción financiera ya que el matrimonio es asociado a la estabilidad y soporte financiero además que en este grupo de personas los niveles de tensión financiera son bajos, entonces las personas que tienen pareja mostraron resultados más felices en cuanto a lo que finanzas se refiere. Además cuando hay dos ingresos esto se traduce en mayor presupuesto, lo que genera un bienestar financiero subjetivo, aunque este mismo estudio enfatiza que el bienestar financiero va mucho más allá de las utilidades que percibe un individuo o de sus ganancias, ya que estos deben ser coherentes y apegados a la realidad que vive, por el contrario basar sus finanzas en expectativas que no pueden alcanzar o cumplir es contraproducente y puede generar frustración y sentimientos negativos sobre su conducta financiera. Los autores concluyeron que bienestar financiero y la satisfacción financiera no son lo mismo, aunque están estrechamente relacionados entre sí.

(González, López, & Ares., 2020) abordaron el bienestar financiero desde una perspectiva publica es decir como contribuye a disminuir la dependencia económica de los individuos sobre el estado dado que entre mayor satisfacción financiera perciba la población de un país menos va a depender de subsidios públicos lo que deriva en un bienestar financiero no solo individual sino colectivo. Los autores aplicaron una investigación en España, que hace unos 10 años enfrentaba una crisis financiera que afecto la capacidad de ahorro de sus habitantes, deteriorando la calidad de vida en el país. No obstante, actualmente está en proceso de recuperación y la actitud de los habitantes es optimista. Utilizaron un enfoque empírico, donde el tipo de variables seleccionadas fueron latentes y observadas para fines prácticos dentro de los hallazgos de esta investigación se aprecia que la organización y planificación financiera de los españoles es congruente con sus ingresos, además tienen una actitud funcional hacia el dinero, el horizonte de planificación en cuanto a la toma de decisiones es corto, principalmente porque los españoles son realistas del dinero que poseen y basan su comportamiento financiero en ello lo que les permite mejorar su bienestar financiero de manera individual.

(Nanda & Banerjee., 2021) el bienestar financiero subjetivo ha tomado relevancia para entender cómo se puede alcanzarlo. Dentro de su revisión a 128 artículos que se publicaron entre 1970 hasta el 2020, encontraron que existen lagunas de investigación que dan paso a una brecha en varios ámbitos del consumo. Por esto para dar un enfoque integral se sugiere que las futuras investigaciones estén direccionadas a factores macro del consumidor, transparencia bancaria y ventas éticas, comportamiento del consumidor, educación financiera, inclusión financiera, el marketing expuesto a los consumidores, personalidad y autocontrol del gasto, resultados y consecuencias del bienestar financiero subjetivo. Con el fin de evitar riesgos de consumo innecesario que afecten las finanzas del consumidor, el concepto de obtener el beneficio máximo involucra el dinero gastado, el tiempo, el costo- oportunidad y la satisfacción del consumidos, en ámbitos como la hipoteca que son gastos grandes pero necesarios para la satisfacción e independencia económica; además de otros hábitos de consumo ajenos al ocio que son necesarios para alcanzar una plenitud en cuanto a salud, educación, bienes y servicios.

(Farida, Soesatyo, & Aji., 2021) retomando el rol de la educación financiera abordado al inicio de esta sección y su influencia sobre el bienestar financiero de las personas, encontraron que la educación financiera y el uso de la tecnología financiera impactan en el comportamiento financiero. El estudio demostró que, si bien la educación financiera por sí sola no afectaba directamente el comportamiento financiero, el uso de la tecnología financiera tenía un impacto significativo en el comportamiento financiero. Se demostró que la utilización de tecnología financiera influye directamente en la satisfacción financiera, y un mayor uso conduce a una mayor satisfacción. El estar alfabetizados financieramente provoca autoconfianza en la gestión del dinero y un grado mayor de satisfacción financiera a largo plazo, además de la correcta gestión del dinero, con el fin de cubrir todas las necesidades del individuo ya sean primarias, secundarias o terciarias.

(Madinga & Maziriri., 2022) abordaron la satisfacción financiera y su relevancia en los últimos años para el desarrollo de la planificación y toma de decisiones financieras personales, las cuales son esenciales para alcanzar la satisfacción financiera debido a su influencia en la formulación de políticas financieras. Estudios recientes han demostrado que esto es un proceso de toda la vida por lo tanto entre más pronto inicie este aprendizaje social mejores resultados se obtendrán a largo plazo. Entonces los beneficios objetivos de la educación financiera son evidentes y favorecen que el individuo se atreva a tomar riesgos financieros ya que tiene una actitud positiva al momento de elegir que inversiones tomar bajo un criterio propio en base a su nivel de conocimiento. Algo que destaca en este estudio es que las personas con escasos conocimientos financieros afrontan con mayor

sensibilidad las crisis financieras, y además son más susceptibles a los engaños, aunque el sistema de educación financiera propuesto tiene como eje principal la familia esto se puede replicar en el gobierno mismo que debe proveer a sus ciudadanos de educación financiera teniendo en cuenta que no todos los hogares tienen el nivel de conocimiento requerido para alcanzar una plenitud que les permita gozar de las oportunidades de una educación financiera. Solo así se puede garantizar la satisfacción financiera, misma que depende de la realidad donde la persona se desenvuelve, en países como Indonesia donde la economía se sostiene por la industria de la confección, que resulta de mano de obra barata de mujeres que cumplen varios roles al mismo tiempo como el ser esposas, madres, amas de casa y trabajadoras el alcanzar la satisfacción económica esta mayormente ligado a la percepción que estas tienen sobre satisfacción personal.

Ahondando un poco más sobre los rasgos de la educación financiera y las mujeres, (Erentaité, 2019) y (Pramesti M., 2022) Efectuaron estudios donde señalan que, aunque las mujeres casadas son las responsables del sustento del hogar, lo hacen en condiciones inhumanas, horarios extendidos de trabajo y remuneraciones muy por debajo de lo necesario para alcanzar un nivel de vida cómodo. No obstante, el miedo al desempleo y la falta de oportunidades hacen que se mantengan en estos empleos e incluso llegan a asociar estas condiciones con satisfacción financiera debido a que les permite sobrevivir. Estos autores concluyen que el bienestar y la satisfacción financiera es un estado psicológico que ya que a medida que su este aporte económico contribuye a satisfacer las necesidades básicas como: casa, vestido, alimento y refugio estas alcanzarán la satisfacción y bienestar financiero subjetivo, ya que como su nombre implícitamente lo sugiere esto está sujeto a una percepción personal.

Para (Riaz, y otros, 2022) la alfabetización financiera es el pilar para lograr individuos financieramente independientes, es este estudio se encontró que los universitarios que reciben educación financiera en los primeros ciclos de la carrera desarrollan habilidades y competencias que les permite ser autosuficientes, alcanzar la plenitud y éxito financiero en la vida adulta. Otro de sus hallazgos es que cuando los jóvenes recibieron educación financiera familiar asimilan mejor la educación financiera formal, ya que al tener como referente su entorno familiar mantienen una actitud positiva y segura hacia el dinero, logran invertir, tomar riesgos y autocontrol en sus gastos, generando ahorros. Por otro lado, los jóvenes cuya educación financiera familiar es nula y además no reciben educación financiera formal tienden a desarrollar conductas compulsivas con el dinero, no tienen la capacidad de ahorrar o invertir, lo que provoca que su independencia económica se aplace y no logren la satisfacción o un nivel de bienestar

financiero aceptable. Entonces este estudio sugiere el rediseño de políticas y programas de educación financiera para garantizar la alfabetización de todos los jóvenes que no tienen un entorno familiar con educación financiera y así dotarlo de herramientas para alcanzar el bienestar y la autonomía financiera en su edad adulta ya que esto contribuye con el desarrollo de la sociedad.

La revisión de literatura aplicada destaca cómo diversos autores han abordado los problemas relacionados con la independencia financiera, la comunicación familiar, la identidad financiera, la inseguridad económica y la importancia de la educación financiera. (Rea, Danes, Serido, Borden, & Shim., 2018) y (LeBaron & Kelley., 2020) muestran cómo las dificultades económicas y laborales han retrasado la independencia financiera de los jóvenes. (Lanz, Sorgente, & Danes, 2019) resaltan la influencia de la comunicación familiar en el desarrollo de conductas financieras saludables. (Erentaité, 2019) y (Primesti M., 2022) exploran la importancia de la identidad financiera y la realidad socioeconómica en la satisfacción financiera. (Damian, Subtirica, & M., 2019) y (González, López, & Ares., 2020) destacan cómo la realidad económica y cultural influye en la dependencia y el bienestar financieros individual. (Rai, Dua, & Yadav., 2019) y (Riaz, y otros, 2022) subrayan el papel crucial de la educación financiera en el desarrollo de habilidades financieras y la independencia económica. (Masuda & Tallis, 2020) señalan la relevancia de factores no monetarios en la calidad de vida. (Nanda & Banerjee., 2021) y (Farida, Soesatyo, & Aji., 2021) resaltan la necesidad de comprender factores macroeconómicos y el uso de tecnología financiera para promover el bienestar financiero subjetivo. En conjunto, estos hallazgos enfatizan la importancia de abordar la educación financiera, la comunicación familiar y las condiciones socioeconómicas para mejorar el bienestar financiero de los individuos y reducir la dependencia económica.

3. METODOLOGÍA

El instrumento aplicado lo componen 54 preguntas de las cuales 11 son variables sociodemográficas, 25 ítems abordan el bienestar financiero, 13 ítems para determinar la identidad financiera, y 5 ítems sobre la satisfacción con la vida. A continuación, en la Tabla 1 se detallan las características de las variables de estudio.

El fenómeno para estudiar es la Satisfacción con la vida, siendo esta la variable dependiente, por lo que se pretende explicar si puede verse afectada por el Bienestar financiero y/o la Identidad financiera, y, adicionalmente, determinar si existen factores sociodemográficos que influyan sobre esta.

Para ello, en primer lugar, se procede a convertir la variable dependiente, Satisfacción con la vida, de politómica a dicotómica. Este paso es necesario para modelar la relación con las covariables utilizando una función logística binaria, cuyo regresor corresponde al modelo LOGIT, (Medina, 2003) luego de codificar las respuestas de todos los ítems que evalúan la Satisfacción con la vida, se pueden obtener puntuaciones de entre 5 y 20 puntos. Las dos categorías de satisfacción con la vida son definidas por (Welcome et al., 2022) como valoración afectiva negativa (0) y valoración afectiva positiva (1). Se considera que las personas que puntuaron entre 5 y 13 puntos tienen una valoración afectiva negativa, caso contrario, esta es positiva para quienes puntuaron 14 o más puntos.

Como segundo paso, se definen las categorías de las covariables para su posterior tratamiento. Para diferenciar los niveles de Bienestar financiero se utilizó una escala de Likert de cinco puntos: bajo (1), medio-bajo (2), medio (3), medio-alto (4) y alto (5); mientras que (Lanz et al., 2019) manifiestan respecto a la Identidad financiera que esta es la forma en que una persona se aprecia como una entidad dependiente/fusionada como parte en una familia (1) o una entidad independiente/diferente dentro de la familia (2). Después de codificar y sumar las respuestas de los ítems de cada covariable se identificó que el Bienestar financiero puede adquirir entre 25 y 100 puntos, y la Identidad financiera puede adquirir entre 13 y 52 puntos. A continuación, en la tabla 61 se presenta la guía para categorizar las covariables de acuerdo con el rango de puntos que pueden adquirir:

Tabla 61. Categorización de las covariables.

Bienestar financiero	
Rango de puntos	Categoría
25 hasta 63 puntos	Estado financiero deplorable
64 hasta 100 puntos	Estado financiero saludable
Identidad financiera	
Rango de puntos	Categoría
13 hasta 33 puntos	Entidad fusionada como parte en una familia
34 hasta 56 puntos	Entidad diferente dentro de la familia

El tercer paso consiste en definir las relaciones entre los factores sociodemográficos con la satisfacción con la vida, y para ello las variables de tipo politómicas se convertirán en dicotómicas debido a que de esta manera será posible establecer si existe presencia o ausencia del efecto. El primer aspecto para diferenciar es la zona donde habita la población, pues (Ávila-Toscano et al., 2024) indican que las

diferencias económicas son marcadas entre la población urbana y rural, siendo esta última la que comúnmente es más afectada en Latinoamérica por, como ejemplo, la accesibilidad a servicios básicos u oportunidad de ingresar en mejores empleos. Por lo tanto, se utilizó el criterio de (León et al., 2012) para recategorizar las parroquias Machala, La Providencia, Jambelí, 9 de mayo, El Cambio y Jubones como urbanas (1) y El Retiro como rural (2).

En cuanto a la educación, (Núñez y Ramírez et al., 2021) sostienen que adquirir conocimientos y tener la oportunidad de interactuar en las universidades es un proceso enriquecedor que le permite a las personas aprender de sus pares y de manera teórica en qué forma usar su capital financiero, además que es un medio en donde surge oportunidades de asociarse o conocer posibles inversionistas. Desde un punto de vista económico, cursar un nivel de educación superior puede mejorar la satisfacción con la vida. Por otra parte, (Tejeda y Burgos, 2021) manifiestan que las personas desempleadas y quienes se dedican exclusivamente a los quehaceres del hogar sin percibir ingresos tienen más limitaciones para conseguir sus metas debido a la baja capacidad económica y menor esperanza de vida, caso contrario a quienes sí generan ingresos. A partir de esta afirmación se diferencian en la variable Situación laboral las categorías Desocupados/no perciben ingresos (0) y Ocupados/Sí perciben ingresos (1).

De acuerdo con (Castro y González et al., 2020) el bienestar financiero tiene un impacto positivo en la vida de las personas, tanto al nivel personal como social. Esta teoría permitió el planteamiento de la primera hipótesis:

H_{1_0} : El bienestar financiero no influye el estado de satisfacción de una persona con la vida.

H_{1_1} : El bienestar financiero influye el estado de satisfacción de una persona con la vida.

Por otra parte, Lanz et al. (2019) en su estudio concluyeron que la independencia financiera genera un mayor sentido de responsabilidad y direcciona el comportamiento financiero de una persona hacia el ahorro, por lo tanto, quienes se identifican como una entidad diferente dentro de sus familias, gozan de un mejor estado de satisfacción con la vida. De esta forma, se plantearon las siguientes hipótesis:

H_{2_0} : La identidad financiera no influye el estado de satisfacción de una persona con la vida.

H_{2_1} : La identidad financiera influye el estado de satisfacción de una persona con la vida.

A manera de contribución de este trabajo, se agregan dos variables sociodemográficas que emergen de la revisión de la literatura: edad (Erentaité, 2019) y estado civil (Pramesti, 2022) para los cuales se plantean las siguientes hipótesis:

H30: La edad influye en el estado de satisfacción de una persona con la vida.

H31: La edad influye en el estado de satisfacción de una persona con la vida.

H40: El estado civil no influye en el estado de satisfacción de una persona con la vida.

H41: El estado civil influye en el estado de satisfacción de una persona con la vida.

Tomando en cuenta las hipótesis planteadas, el modelo logit que se evalúa en esta pregunta se especifica como:

$$\log\left(\frac{p_i}{1-p_i}\right) = \beta_0 \pm \beta_1 X_{1i} + \beta_2 X_{2i} + \beta_3 X_{3i} + \beta_4 X_{4i}$$

Donde:

$\log\left(\frac{p_i}{1-p_i}\right)$ es el logaritmo de las probabilidades

X_{1i} = Bienestar financiero

X_{2i} = Identidad financiera

X_{3i} = Edad

X_{4i} = Estado Civil

4. RESULTADOS

Los resultados con respecto a la pertinencia de las variables planteadas se muestran en las tablas 62 y 63 que muestran el aporte marginal al modelo especificado de la constante y la variable. Como se podrá observar, la significancia en ambos casos es menor a un valor p de 0.05. Lo que lleva a concluir que tanto la constante y las variables independientes son pertinentes para estudiar la satisfacción financiera de las personas.

Tabla 62. Aporte marginal de la constante.

	B	Error estándar	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Constante	0,306	0,103	8,879	1	0,003	1,358

Tabla 63. Aporte marginal de las variables independientes.

Variables	Puntuación	gl	Sig.
Bienestar financiero	101,156	1	0,000
Identidad financiera	73,250	1	0,000
Edad	9,270	1	0,002
Estado civil	4,462	1	0,035
Estadísticos globales	123,032	4	0,000

Otra prueba importante para evaluar la bondad de ajuste del modelo de regresión logística es el estadígrafo de Hosmer y Lemeshow. Esta prueba sugiere que un buen ajuste corresponde a un valor alto de la probabilidad predicha (p), mientras que un valor cercano a cero implica un mal ajuste. En la tabla 64 se muestra el resultado de la prueba y se obtiene un valor de 0.367; lo cual sugiere que si hay ajuste de las variables especificadas en el modelo propuesto anteriormente.

Tabla 64. Prueba de Hosmer y Lemeshow.

Chi-cuadrado	gl	Sig.
8,709	8	0,367

En la tabla 65 se muestra la prueba ómnibus que mide la significancia de las inclusiones de las variables especificadas junto a la constante de forma individual (paso), por aditividad (bloque) y por interacción entre ellas (modelo). En los tres casos, como se puede observar, el valor p es menor a 0.05; lo que implica una especificación significativa.

Tabla 65. Prueba ómnibus de coeficientes del modelo.

	Chi-cuadrado	gl	Sig.
Paso	134,127	4	0,000
Bloque	134,127	4	0,000
Modelo	134,127	4	0,000

En la tabla 66 se muestra el grado de clasificación de las variables en la obtención de los valores proyectados con respecto a la satisfacción financiera: valoración afectiva negativa (0) y valoración afectiva positiva (1). Como se puede observar, en el primer caso pronostica a una tasa del 70.9% y en el segundo caso 78.6%; en términos globales el pronóstico llega al 75.3% de los casos estudiados, lo cual implica que el modelo es

Tabla 67. Medidas de correlación del modelo.

Logaritmo de la verosimilitud -2	R cuadrado de Cox y Snell	R cuadrado de Nagelkerke
396,158 ^a	0,292	0,392

El R2 de Cox y Snell relaciona las funciones de verosimilitud del modelo nulo (sin inclusión de variables independientes) con el modelo ajustado (con inclusión de variables independientes); se interpreta que una mejor especificación es aquel donde su el R2 es menor. El R2 de Nagelkerke es una versión ajustada del estadígrafo propuesto por Cox y Snell, con el objetivo de presentar un R2 que se pueda igualar al análisis de las regresiones cuantitativas; sin embargo, si se consigue una buena pseudo correlación de Cox y Snell, se considera el R2 de Nagelkerke como válido. A partir de los resultados de la tabla 67 se aprecia que el estadígrafo de Cox y Snell muestra una baja relación entre el modelo nulo y el ajustado, de ahí que se concluye que hay un buen ajuste de la satisfacción de vida con las variables independientes seleccionadas.

En la tabla 68 se presentan los estadísticos del modelo logit especificado al inicio de esta sección. Como se podrá observar, todas las variables empleadas son significativas (valor p menor a 0.05); con lo cual se puede determinar que las variables elegidas son suficientes para evaluar la satisfacción con la vida.

Tabla 68. Variables de la ecuación logística.

	B	Error estándar	Wald	gl	Sig.	Exp(B)	95% C.I. para EXP(B)	
							Inferior	Superior
Bienestar financiero	1,819	0,265	47,128	1	0,000	6,168	3,669	10,368
Identidad financiera	1,086	0,265	16,834	1	0,000	2,963	1,763	4,977
Edad	0,620	0,254	5,948	1	0,015	1,859	1,130	3,061
Estado civil	-0,203	0,091	4,974	1	0,026	0,816	0,683	0,976
Constante	-1,216	0,240	25,635	1	0,000	0,296		

Interpretando el sentido de las betas obtenidas, se puede indicar que el bienestar financiero, la identidad financiera y la edad tienen una relación directamente proporcional con la satisfacción de vida. Mientras que el estado civil y la constante tienen una relación inversamente proporcional; en el caso del estado civil, parece ser que una persona con estado civil diferente a soltero tiene una menor satisfacción con la vida que una persona

soltera. Este resultado novedoso podría deberse a que una persona con estado diferente a soltero al tener mayores responsabilidades financieras debe adaptar sus visiones a su nuevo grupo familiar y por tanto sentir algún tipo de insatisfacción.

Reemplazando el modelo por los valores obtenidos de la tabla 68 queda de la siguiente manera:

$$\log\left(\frac{p_i}{1-p_i}\right) = -1.216 \pm 1.819X_{1i} + 1.086X_{2i} + 0.620X_{3i} \pm 0.203X_{4i}$$

Donde:

X1 = Bienestar financiero

X2 = Identidad financiera

X3 = Edad

X4 = Estado Civil

5. DISCUSIÓN DE RESULTADOS

Los resultados obtenidos en este estudio permiten establecer una serie de correspondencias robustas con los marcos teóricos revisados y, al mismo tiempo, aportan elementos novedosos para la comprensión de la satisfacción con la vida desde una perspectiva financiera subjetiva. En primer lugar, se confirma que el bienestar financiero subjetivo actúa como un determinante principal de la satisfacción vital, lo que se encuentra en plena consonancia con la literatura reciente. Estudios como los de Nanda y Banerjee (2021) y Ngamaba et al. (2020) ya habían advertido que, más allá del ingreso o patrimonio neto, lo que realmente impacta en la percepción de calidad de vida de las personas es cómo experimentan emocional y cognitivamente su situación financiera. Este hallazgo refuerza el enfoque de la economía conductual que sostiene que las personas no evalúan su bienestar en términos absolutos, sino desde marcos de referencia construidos con base en expectativas, comparaciones sociales y experiencias acumuladas. De esta forma, la evidencia empírica presentada aquí consolida el papel del bienestar financiero como una variable mediadora entre la economía objetiva y la satisfacción personal.

En segundo lugar, la identidad financiera, entendida como la forma en que los individuos se representan a sí mismos en términos de autonomía, diferenciación familiar y capacidad de agencia económica, mostró ser un predictor significativo y estadísticamente robusto. Este resultado se articula teóricamente con los planteamientos de Lanz et al. (2019) y de LeBaron-Black et al. (2021), quienes identifican que una identidad financiera bien definida fortalece la autoestima y la percepción de control, lo cual se traduce en una

mayor sensación de satisfacción y bienestar general. En el contexto específico de este estudio, los participantes que manifestaron tener una identidad financiera más autónoma –es decir, con menor dependencia o dilución respecto a la estructura familiar de origen– fueron más propensos a reportar niveles altos de satisfacción con la vida. Esto puede interpretarse como evidencia de que la consolidación de la identidad económica individual es un proceso clave para la madurez financiera y el bienestar psicológico, especialmente en entornos donde el rol de la familia en la toma de decisiones económicas es históricamente dominante.

El análisis de las variables sociodemográficas permite también matizar estos resultados. La edad mostró una asociación positiva con la satisfacción vital, lo cual resulta coherente con estudios previos (Ngamaba et al., 2020; Pramesti, 2022) que indican que el paso del tiempo se asocia con mayor aceptación de la situación financiera, menores niveles de ansiedad económica y una mejor comprensión de los ciclos de ingreso y gasto. Este hallazgo sugiere que la madurez – más allá de los ingresos o el nivel educativo – es un factor estabilizador que incide en la manera en que las personas interpretan su bienestar. En cambio, la variable estado civil arrojó un resultado más complejo: contrariamente a lo que sugieren modelos tradicionales que asocian el matrimonio con una mayor estabilidad y satisfacción, los participantes casados o en unión mostraron menores niveles de satisfacción con la vida. Este resultado podría explicarse, en parte, por las presiones que implica la gestión conjunta del dinero, la carga financiera de los hijos o los conflictos sobre prioridades económicas, todos ellos factores que tienden a intensificarse en el ámbito conyugal y que podrían deteriorar la percepción subjetiva del bienestar.

En términos de aporte empírico, el modelo logit construido alcanza una capacidad predictiva del 75.3%, lo cual resulta particularmente destacable considerando que se basa en variables de carácter subjetivo y sociodemográfico. El odds ratio del bienestar financiero subjetivo (OR = 6.168) indica que quienes perciben positivamente su situación financiera tienen más de seis veces la probabilidad de estar satisfechos con su vida en comparación con quienes no lo hacen. Este efecto es no solo estadísticamente significativo, sino también sustantivamente importante, posicionando al bienestar financiero subjetivo como un nodo central en la arquitectura del bienestar general. Por su parte, la identidad financiera (OR = 2.963) también presenta una influencia considerable, lo cual valida su inclusión como una dimensión explicativa novedosa y teóricamente relevante en la literatura sobre economía del hogar y bienestar subjetivo.

Este capítulo ofrece una contribución innovadora al campo del bienestar financiero subjetivo, al integrar en un solo modelo variables económicas, identitarias y

sociodemográficas, y al demostrar que los factores subjetivos – como la percepción y la autorrepresentación financiera – tienen un peso explicativo mayor que los indicadores objetivos tradicionales. Además, este trabajo permite visibilizar cómo estas dinámicas operan en contextos territoriales específicos como Machala, una ciudad intermedia de la costa ecuatoriana, caracterizada por la informalidad laboral, el rol extendido de la familia en las decisiones económicas y el limitado acceso a mecanismos formales de planificación financiera. Así, los hallazgos aquí presentados no solo robustecen las teorías conductuales aplicadas al bienestar, sino que también abren nuevas líneas para el diseño de políticas públicas y programas de educación financiera con enfoque contextual, identitario y emocional.

El modelo logit elaborado exhibe una precisión predictiva del 75.3%, un resultado que llama la atención si consideramos que se fundamenta en variables subjetivas y sociodemográficas. El odds ratio asociado al bienestar financiero subjetivo (OR = 6.168) revela que aquellos con una visión favorable de sus finanzas multiplican por seis su probabilidad de sentirse satisfechos con la vida, en comparación con quienes tienen una visión negativa. Este efecto, además de ser estadísticamente significativo, es sustancialmente relevante, lo que consolida al bienestar financiero subjetivo como un pilar fundamental del bienestar general. Asimismo, la identidad financiera (OR = 2.963) muestra una influencia notoria, lo que justifica su incorporación como una dimensión explicativa innovadora y teóricamente relevante en la investigación sobre economía del hogar y bienestar subjetivo.

Este capítulo representa un aporte al ámbito del bienestar financiero subjetivo, al fusionar en un único modelo variables económicas, identitarias y sociodemográficas, demostrando que los factores subjetivos – como la percepción y la autorrepresentación financiera – poseen un peso explicativo superior a los indicadores objetivos convencionales. Adicionalmente, este trabajo hace visible cómo estas dinámicas se manifiestan en contextos territoriales particulares como Machala, una ciudad intermedia de la costa ecuatoriana, marcada por la informalidad laboral, la importancia de la familia en las decisiones económicas y el acceso limitado a herramientas formales de planificación financiera. Por ende, los resultados que se han presentado no solo refuerzan las teorías conductuales aplicadas al bienestar, sino que también proponen nuevas vías para el desarrollo de políticas públicas y programas de educación financiera con un enfoque contextual, identitario y emocional.

6. CONCLUSIONES

En este capítulo, se ha explorado cómo se conectan la satisfacción vital, el bienestar financiero percibido y la identidad financiera, todo ello en hogares urbanos de Machala, Ecuador. Dada la desigualdad, el trabajo informal y el acceso limitado a servicios financieros, entender cómo la gente piensa y siente sobre su bienestar es vital para estudiar el tema y crear programas sociales. Tras revisar muchos estudios, se ha encontrado que fijarse solo en cosas objetivas, como ingresos o empleo formal, no basta para entender el bienestar de una persona. La economía conductual, la psicología económica y la sociología del consumo muestran que las opiniones, las elecciones a futuro y la autopercepción influye mucho en el estado de ánimo. Este trabajo, basado en un modelo de regresión logística binaria, demostró que el bienestar financiero subjetivo es clave para la satisfacción vital en este contexto, con un peso importante y estadísticamente significativo. Esto concuerda con estudios de otros países (Nanda y Banerjee, 2021; Ngamaba et al. , 2020), que resaltan que cómo vemos y valoramos nuestra situación económica diaria afecta más a nuestro bienestar que lo material en sí.

Asimismo, el estudio encontró que la identidad financiera diferenciada – aquella que se construye de forma autónoma respecto a la familia de origen – también se asocia positivamente con mayores niveles de satisfacción, con una razón de probabilidad cercana a 3. Este resultado confirma la importancia de considerar las dimensiones simbólicas y relacionales del comportamiento financiero, tal como lo han sugerido Lanz et al. (2019) y LeBaron-Black et al. (2021), quienes argumentan que la consolidación de una identidad económica individual fortalece la agencia personal y la percepción de eficacia, elementos claves para el bienestar subjetivo. En contextos donde la dependencia financiera de la familia es común, como ocurre en muchas zonas urbanas del Ecuador, la capacidad de tomar decisiones financieras propias puede constituirse en un eje de diferenciación social y emocional relevante.

Desde el punto de vista sociodemográfico, los resultados indican que la edad tiene un efecto positivo sobre la satisfacción con la vida, probablemente asociado al aprendizaje acumulado, la resignificación de expectativas y el fortalecimiento de estrategias de adaptación financiera. En cambio, el estado civil mostró una relación inversa, donde las personas casadas o en unión libre reportaron menores niveles de satisfacción. Este hallazgo, si bien contrasta con ciertas tendencias de la literatura internacional, puede explicarse en función de las tensiones que emergen en la gestión compartida de recursos, la presión por el cumplimiento de roles familiares y la ampliación

de responsabilidades económicas en el marco de la vida conyugal, especialmente en entornos con estructuras de protección social débiles.

Este estudio no solo respalda la firmeza de los esquemas conceptuales sobre conducta, cuando se trata de examinar el confort personal, sino que además expande el campo de estudio al añadir elementos aclaratorios inéditos, tal como la noción de la propia situación económica, y al comprobar su potencial para anticipar resultados en panoramas escasamente analizados. Aparte, suministra datos clave para reconsiderar los planes de formación en finanzas: aparte del conocimiento especializado, se necesita un planteamiento que impulse el crecimiento de aptitudes para elegir con independencia, la edificación de una imagen económica fuerte y la consolidación de la capacidad de discernimiento frente a los apuros monetarios habituales. Por último, este texto anima a próximos análisis a escudriñar con más detalle los vínculos entre el armazón social, la apreciación subjetiva y la concepción de uno mismo, combinando sistemas de investigación variados y perspectivas geográficas que valoren la pluralidad de caminos económicos y existenciales en la realidad latinoamericana.

REFERENCIAS

Damian, L. E., Subtirica, O. N., y M., D. y. (2019). *Healthy Financial Behaviors and Financial Satisfaction in Emerging Adulthood: A Parental Socialization Perspective*. Obtenido de SageJournals: https://www.researchgate.net/publication/332422097_Healthy_Financial_Behaviors_and_Financial_Satisfaction_in_Emerging_Adulthood_A_Parental_Socialization_Perspective

Erentaité, R. (2019). *Linking Family Financial Socialization With Its Proximal and Distal Outcomes: Which Socialization Dimensions Matter Most for Emerging Adults' Financial Identity, Financial Behaviors, and Financial Anxiety?* Obtenido de Sage journals: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2167696819856763>

Farida, M. N., Soesatyo, Y., y Aji., T. S. (2021). *Influence of Financial Literacy and Use of Financial Technology on Financial Satisfaction through Financial Behavior*. Obtenido de IJELS: <https://journals.iaic.org.au/index.php/IJELS/article/view/6478>

Fu, J. (2020). *Ability or opportunity to act: What shapes financial well-being?* Obtenido de ELSEVIER: World Development 128 (2020) 104843.

González, S. C., López, S. F., y Ares., L. R. (2020). *La influencia de la actitud hacia el dinero en el bienestar financiero de las personas*. Obtenido de Springer Link: <https://doi.org/10.1007/s11205-019-02219-4>

Heo, W., y Lee, J. M. (2020). *Financial-related psychological factors affect life satisfaction of farmers*. Obtenido de ELSEVIER: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2020.08.053>

Hu, J., Quan, L., Wu, Y., Zhu, J., Deng, M., y Zhang., S. T. (2021). *Financial Self-Efficacy and General Life Satisfaction: The Sequential Mediating Role of High Standards Tendency and Investment Satisfaction*. Obtenido de Frontiers: 10.3389/fpsyg.2021.545508

Lanz, M., Sorgente, A., y Danes, S. M. (2019). *Implicit Family Financial Socialization and Emerging Adults' Financial Well-Being: A Multi-Informant Approach*. Obtenido de Empirical Paper: 10.1177/2167696819876752

LeBaron, A. B., y Kelley, H. H. (2020). *Financial Socialization: A Decade in Review*. Obtenido de SpringerLink: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10834-020-09736-2>

Madinga, N. W., y Maziriri, E. T. (2022). *An Investigation of the Impact of Financial Literacy and Financial Socialization on Financial Satisfaction: Mediating Role of Financial Risk Attitude*. Obtenido de Sage Journals: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/09749101211070952>

Mahendru, M., Sharma, G. D., y Hawkins, M. (2020). *Toward a new conceptualization of financial well-being*. Obtenido de WILEY: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/pa.2505>

Masuda, Y. J., y Tallis, J. R. (2020). *Does Life Satisfaction Vary with Time and Income? Investigating the Relationship Among Free Time, Income, and Life Satisfaction*. Obtenido de Springer Link: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-020-00307-8>

Nanda, A. P., y Banerjee, R. (2021). *Consumer's subjective financial well-being: A systematic review and research agenda*. Obtenido de WILEY: <https://doi.org/10.1111/ijcs.12668>

Ngamaba, K. H., Armitage, C., Panagioti, M., y Hodkinson, A. (2020). *How closely related are financial satisfaction and subjective well-being? Systematic review and meta-analysis*. Obtenido de ELSEVIER: Journal of Behavioral and Experimental Economics 85 (2020) 101522

Pramesti M., A. I. (2022). *HOW DOES FINANCIAL SATISFACTION DETERMINE FEMALE LABOURERS' LIFE SATISFACTION DURING COVID-19 PANDEMIC*. Obtenido de INDEX COPERNICUS: 10.17512/pjms.2022.25.1.21

Rai, K., Dua, S., y Yadav, M. (2019). *Association of Financial Attitude, Financial Behaviour and Financial Knowledge Towards Financial Literacy: A Structural Equation Modeling Approach*. Obtenido de Sage Journals: <https://doi.org/10.1177/2319714519826651>

Rea, J. K., Danes, S. M., Serido, J., Borden, L. M., y Shim, S. (2018). *"Being Able to Support Yourself": Young Adults' Meaning of Financial Well-Being Through Family Financial Socialization*. Obtenido de Springer Link: <https://doi.org/10.1007/s10834-018-9602-7>

Riaz, S., Khan, H. H., Sarwar, B., Ahmed, W., Muhammad, N., y Nabeel, S. R. (2022). *Influence of Financial Social Agents and Attitude Toward Money on Financial Literacy: The Mediating Role of Financial Self-Efficacy and Moderating Role of Mindfulness*. Obtenido de SAGE Journals: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/21582440221117140>

SOBRE OS AUTORES

COORDINADOR DE LA OBRA



Juan López-Vera

<https://orcid.org/0000-0002-8720-0499>

Economista (Universidad Católica de Santiago de Guayaquil), máster en Administración de Negocios (Universidad Carlos III de Madrid), máster en Análisis del Entorno Económico (Universitat Oberta de Catalunya). Actualmente se desempeña como profesor titular de economía en la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Es profesor ocasional en los sistemas de posgrado de la Universidad Católica de Santiago de Guayaquil y Universidad Tecnológica Estatal de Quevedo. Sus temas de interés son la economía urbana, finanzas personales y economía informal. Su producción

científica está disponible en Google Académico y Researchgate.

AUTORES



Odalys Burgo-Bencomo

<https://orcid.org/0000-0002-8231-7217>

Ingeniera Agrónoma (Universidad Ciego de Ávila), máster en Ciencias de la Educación “Mención Técnica-Profesional), Doctora en Ciencias Económicas (Universidad del Oriente). Se desempeña como docente titular de la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Sus temas de interés están relacionados con la economía agrícola y la gestión de pymes agrícolas. Su producción científica está disponible en Google Académico.



Germán Morán-Molina

<https://orcid.org/0000-0002-2101-6752>

Economista (Universidad de Cuenca), Magíster en Administración de Empresas (Universidad Técnica de Machala). Se desempeña como docente titular de la Universidad Metropolitana del Ecuador sede Machala. Sus temas de interés están relacionados con el análisis financiero de pymes, emprendimiento y gestión económica de negocios. Su producción científica está disponible en Google Académico.



Katia Saldaña-Hurtado

<https://orcid.org/0009-0008-5882-7541>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador). Actualmente se desempeña en el sector financiero popular y solidario.



Jorge Lozano-Espinoza

<https://orcid.org/0009-0001-7865-2485>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador). Actualmente se desempeña como Gestor de Servicios Bancarios. Sus temas de interés están relacionados con el análisis financiero, el estudio del riesgo crediticio y la gestión de operaciones bancarias.



Adrián Curillo-Aguilar

<https://orcid.org/0009-0005-0990-4350>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).



Cristina Jaramillo-Aguilar

<https://orcid.org/0000-0002-7052-3443>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).



Emily Espinoza-Scaldeferri

<https://orcid.org/0000-0001-6625-2997>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).



Camila Luna Bustamante

<https://orcid.org/0009-0008-9213-4132>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).



Andy Rogel Gallardo

<https://orcid.org/0009-0003-5757-614X>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).



Gabriela Ruiz-Rivas

<https://orcid.org/0009-0007-3377-1994>

Economista (Universidad Metropolitana del Ecuador).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ahorro 3, 7, 9, 10, 12, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 47, 49, 50, 51, 55, 58, 59, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 124, 135, 143, 145, 148, 149, 150, 166, 173, 174, 179, 184, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208

Ahorros 8, 32, 36, 49, 56, 58, 68, 173, 181

Asesoría 44, 195, 199, 202, 203, 204, 205

B

Bienestar financiero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 54, 67, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 104, 106, 109, 111, 113, 139, 144, 167, 168, 169, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193

C

Conocimiento financiero 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 41, 49, 51, 88, 91, 106, 109, 150, 204

Crédito 1, 2, 7, 9, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 48, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 177, 200, 202, 205, 206

Cultura financiera 107, 139, 208

E

Economía del hogar 76, 81, 140, 190, 191, 201

Economía familiar 3, 31, 114, 144, 167, 195, 196, 199, 201, 203, 205, 207

Educación financiera 1, 2, 3, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 68, 69, 70, 76, 88, 90, 91, 92, 103, 104, 108, 109, 110, 113, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 150, 164, 166, 167, 168, 169, 175, 177, 178, 180, 181, 182, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 210

G

Gasto de consumo 1, 32, 34, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 67, 77

I

Identidad financiera 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 54, 169, 176, 182, 183, 184,

185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

M

Morosidad 34, 70, 76, 79, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103

P

Planificación 3, 7, 11, 27, 28, 32, 34, 39, 42, 43, 49, 67, 68, 82, 102, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 152, 164, 166, 168, 170, 175, 179, 180, 191, 195, 197, 200, 202, 203, 205, 206

Planificación financiera 32, 42, 49, 68, 82, 104, 107, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 144, 164, 168, 179, 191, 200, 205

Presupuesto 3, 4, 104, 111, 112, 135, 172, 174, 179, 195, 199, 200, 206

Procrastinación 140, 141, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

R

Remuneraciones 32, 34, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 181

S

Satisfacción con la vida 6, 13, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 47, 48, 169, 178, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 192

T

Tarjeta de crédito 76, 77, 78, 79, 80, 82, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 102, 103, 200



**EDITORIA
ARTEMIS**

2025